



lucia

koch

duplas

galeria

nara roesler





dupla {c21405 + ab1107}, 2014 -- alumínio e acrílico/aluminum and acrylic -- 80 x 60 x 4,7 cm

**Lucia Koch**

**com vista para a parede**

**rodrigo andrade**

Uma janela comum pendurada na parede, deixando de ser janela para se tornar um quadro. Eis uma definição imediata e genérica possível para o novo trabalho de Lucia Koch. Janelas de alumínio comuns cujos vidros foram substituídos por chapas de acrílico colorido transparente ou semitransparente, que se sobrepõem ou se justapõem em diferentes posições, de acordo com a abertura das janelas, criando diferentes relações cromáticas e espaciais. Sempre em relação à luz, elemento crucial para Lucia desde sempre.

De acordo com a definição de E. H. Gombrich em seu *Arte e Ilusão*, a escultura de um sofá deixa de ser uma escultura se uma pessoa se sentar nela, tornando-se um sofá de verdade; já um sofá de verdade, caso seja

colocado numa vitrine, por exemplo, torna-se símbolo, representação. É o que acontece aqui, embora isso seja apenas o ponto de partida de Lucia Koch. Pode-se dizer que que essas janelas alteradas imitam quadros. E quadros, na nossa tradição ocidental, já imitaram janelas. A pintura ocidental desde o Renascimento apresenta-se como janela para o mundo. É uma metáfora clássica. Só que aqui a metáfora se inverte: não mais as pinturas são como janelas, e sim as janelas são como pinturas. Mas, ao mesmo tempo, a obra de arte não deixa de ser uma janela, e, a rigor, se alguém quiser instalar um desses trabalhos como uma janela real – em uma abertura na parede –, ele retornará à sua condição utilitária, mesmo com seus acrílicos coloridos.

A operação aqui posta em jogo já é, em sua essência, normal na arte contemporânea: um objeto comum é alterado por alguma intervenção do artista, tornando-se, assim, objeto de arte, já sem utilidade alguma, mas capaz de emitir sentido e causar emoção estética. Emoção que, a meu ver, vem da percepção dessa mesma transformação.

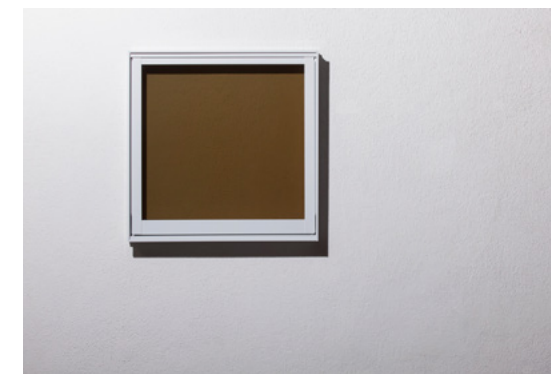
A originalidade desse trabalho está na sua singularidade, no modo engenhoso como as esquadrias de alumínio esmaltado de branco servem de suporte para um jogo puramente poético. Um jogo de cor, espaço e luz. O artista norte-americano Donald Judd, referência importante de Lucia, escreveu certa vez que são três os aspectos fundamentais da arte: espaço, cor e material. Pois, para Lucia, a luz é um material. Mas também os materiais de que são feitos os trabalhos, alumínio e acrílico, fazem parte do jogo, bem como as residuais conotações sociais e culturais intrínsecas à natureza industrial das janelas. Essas portas e janelas fabricadas em massa, tão difundidas em nossas cidades, podem ser lidas como símbolo de degradação arquitetônica e urbana. Contudo, são neutras o suficiente para funcionarem como janelas universais, como símbolos de janela, e sua vulgaridade interessa mais como índice de sua generalidade democrática, digamos. Em todo caso, a transformação é ainda mais significativa, dada a evidente sofisticação dos objetos de arte que se tornaram.

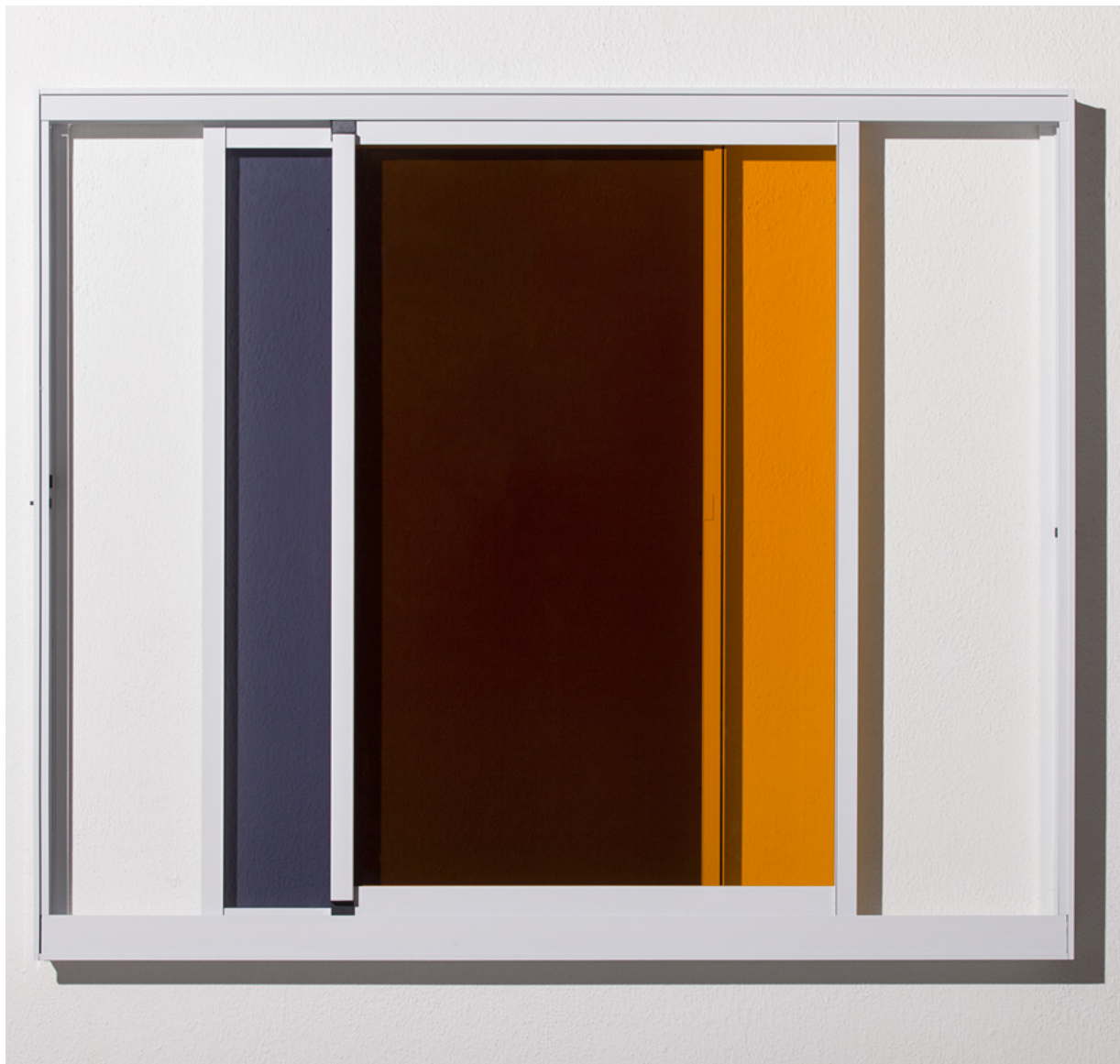
Em muitos trabalhos anteriores de Lucia Koch o ambiente é determinante, e a interação com o mundo real é mais direta e fundamental. Seja em situações histórica e culturalmente significativas (como nas intervenções em espaços urbanos e arquitetônicos), seja em situações sociais e interdisciplinares (no caso de música e espaços de convívio), seja na dependência da luz natural para criar ambientes cromáticos em que as variações atmosféricas fazem parte do trabalho. Já nessas "Duplas" (título destes trabalhos e da exposição) parece haver um movimento em direção a uma autonomia maior das obras, o que é mais uma aproximação com a pintura. O que conta aqui são as relações internas dos trabalhos. A luz permanece

elemento importante, mas agora ela é artificial, invariável, neutra. Aqui não há céu, nem cidade, nem vista para o horizonte. Quando abrimos essas janelas/quadros, vemos a parede, e quando fechamos vemos os planos de cor e a parede através do acrílico, às vezes transparente, às vezes translúcido. Tudo nos faz permanecer naquele campo estabelecido pela esquadria, no espaço raso entre as folhas de acrílico e a parede. Curiosamente, é no momento em que fechamos as janelas que uma profundidade indefinida e infinita surge nas áreas de cor. É, entretanto, uma profundidade virtual, claro.

No caso das portas – uma colocada "solta" no meio da galeria e outra fixa perpendicularmente a uma parede –, podemos circundá-las como esculturas, embora a natureza absolutamente planar as mantenha num campo de pensamento pictórico. Não há volumetria como na tradição da escultura, há desdobramentos do plano no espaço. O trabalho de Lucia Koch é, nesse sentido, herdeiro da tradição neoconcreta, na qual a ruptura com os suportes tradicionais e a conquista do espaço se dá a partir do plano (pense em Hélio Oiticica, Amílcar de Castro, Lygia Clark, Willis de Castro) como desdobramento da pintura.

As janelas deslizantes são as que mais se parecem com quadros, pois elas se mantêm planas e frontais, com as duas folhas deslizantes se sobrepondo e se justapondo, de acordo com as diferentes posições. Há também, aliás, um elemento lúdico nesses trabalhos pelo fato de os espectadores poderem manipulá-los, movendo as duas folhas e experimentando suas diferentes configurações. Com a janela totalmente fechada, é possível ver as duas áreas de cor lado a lado, mas em planos diferentes, cada uma em seu trilho. Com a janela aberta ao máximo, as duas folhas são sobrepostas, e as duas cores se fundem numa terceira causada pela transparência das chapas de acrílico. Vemos pelo vão aberto, em vez de uma paisagem ou vista de cidade, a parede, que passa a fazer parte do trabalho, como um plano de fundo da obra. Com a janela parcialmente aberta (em muitas configurações), vemos





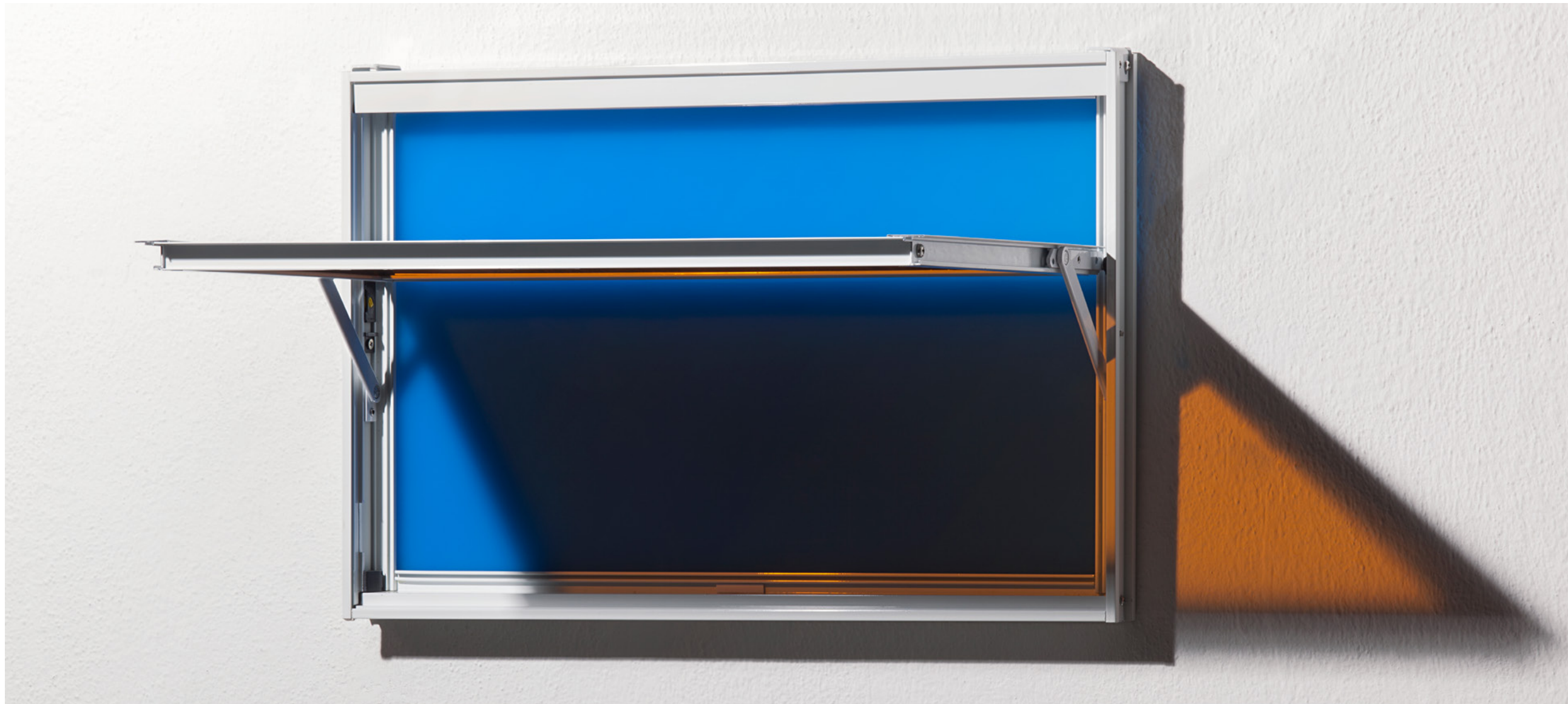
dupla {am309 + fm1058}, 2014 -- alumínio e acrílico/aluminum and acrylic -- 120 x 100 x 7 cm

as duas cores puras e a terceira, que resulta da parcial sobreposição das folhas, além da parede, e, às vezes, vemos só um filete das duas cores e uma grande área sobreposta. Uma vez que o trabalho se apresentou como objeto a ser percebido – e não apenas usado –, passamos a observar tudo: as sombras coloridas que um plano de cor mais ou menos translúcido projeta sobre o outro, e ambos sobre a parede; a distância entre os planos de cor e a parede; os detalhes das esquadrias etc. Ao manipular o trabalho, encontramos essas variações. Nas basculantes, quando levantamos ou abaixamos a folha móvel da janela, em ângulos que vão de zero (fechada) a noventa graus (totalmente aberta), o plano móvel conquista um espaço ampliado, e a relação entre os dois planos de cor ganha uma riqueza extra.

A obra *Semana cinzenta*, com filtros postos na claraboia da galeria, tem natureza distinta dos demais trabalhos exibidos. A interação com o mundo se dá como elemento fundador, justamente por se tratar de uma intervenção na arquitetura e por filtrar a luz natural em sete tons de fumê, tingindo o ambiente ao sabor das mudanças do tempo, seja dia de sol ou de chuva, tal como acontece em tantos trabalhos anteriores da artista.

Um aspecto recorrente nos trabalhos de Lucia é o interesse por espaços de passagem, usando superfícies vazadas entre espaços comunicantes, seja nas paredes perfuradas de sua "Sala de Exposição" na Bienal de 2006, seja nos cobogós ou nas janelas e claraboias filtradas pela cor. Sempre buscando vedar/filtrar/ligar diferentes espaços e ambientes através de suas intervenções planares. Mas aqui não, pois mesmo no caso das portas, o outro lado é o mesmo ambiente, e andamos em círculos em volta da porta, quase sem sair do lugar. Acho que há algo de intrigante nessa maneira de ordenar o espaço. Aqui são as relações internas das peças que nos mobilizam: cada obra é formada por uma dupla de cores/planos ou um conjunto deles, e parece haver até certa matemática nesses conjuntos baseados na unidade do par.

Esta matemática praticada, e os movimentos mecânicos e geométricos dos planos basculantes ou deslizantes, poderiam sugerir alguma frieza metódica, mas não: o que fica é uma engenhosa e sutil festa para os sentidos e para a inteligência.



dupla {ab1106 + az523} 2014-- acrílico e alumínio/aluminum and acrylic -- 40 x 60 x 4,7 cm

lucia koch

## facing the wall rodrigo andrade

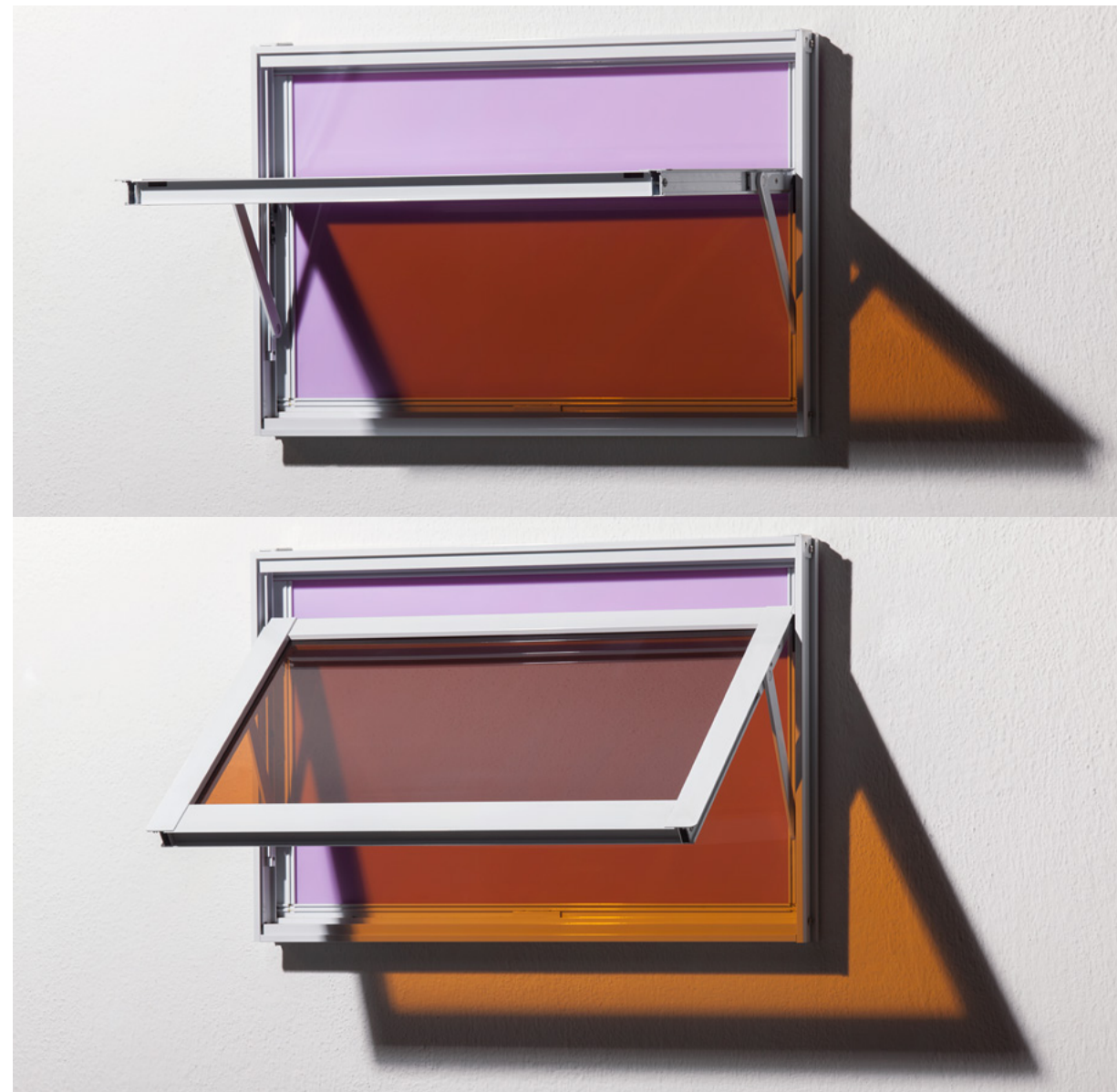
A regular window frame hanging from a wall, ceasing to be a window to become a picture. This is potentially an immediate, generic definition to Lucia Koch's new artwork. The piece features aluminum windows whose panes have been replaced with transparent or semi-transparent colored acrylic sheets that superimpose or juxtapose into different positions, depending on how open the windows are, creating different chromatic and spatial relationships. As ever, the relationship with light is there, a crucial element for Koch since always.

As defined by E. H. Gombrich in his *Art and Illusion*, the sculpture of a sofa ceases to be a sculpture and becomes a real sofa the moment someone sits on it; and a real sofa, if placed behind a shop window, for instance, becomes a symbol, representation. This is what is at play here, even though this is simply the starting point for Lucia Koch. It can be said that these altered windows mimic pictures. And pictures, in our Western tradition, have once emulated windows. Since the Renaissance, Western painting presents itself as a window to the world. It is a classic metaphor. Only here, the metaphor is reversed: instead of window-like paintings, painting-like windows. At the same time, however, the artwork remains a window, and in the strict sense, if someone wishes to install one of these works as a real window – in an opening on the wall –, it will return to its

utilitarian condition, its colored acrylics notwithstanding.

The operation at stake here is essentially a normal thing in contemporary art: a commonplace object altered by an intervention from the artist, thus becoming an art object, devoid of any utility whatsoever, but capable of conveying meaning and causing aesthetic emotion. This emotion, as far as I see it, stems from the perception of this very transformation.

The originality of this artwork resides in its singularity, the ingenious way in which the white enamel-tinted aluminum frames serve as a support to a purely poetical game. An interplay of color, space and light. The American artist Donald Judd, an important role model of Koch's, once wrote that the three fundamental aspects of art are space, color and material. Well, for Koch, light is a material. However, the actual materials from which the artworks are made, aluminum and acrylic, are also part of the game, as are the residual social and cultural connotations intrinsic to the industrial nature of the windows. These mass-made doors and windows, so widespread in our cities, can be taken as a symbol of architectural and urban degradation. However, they are neutral enough to function as universal windows, as symbols for the window, and their banality warrants more interest as an index of their democratic generality, so to speak.



dupla {ab1107 + v1715}, 2014 -- acrílico e alumínio/aluminum and acrylic -- 40 x 60 x 4,7 cm



**dupla basculante {fm1058 + fm1012AD + fm1029 + fm1008}**, 2014 -- alumínio e acrílico/aluminum and acrylic -- 216 x 88 x 5 cm

Either way, the transformation is even more significant considering the blatant sophistication of the art objects they have become.

In many of Lucia Koch's past works, environment is a determinant aspect, and interaction with the real world is more direct and fundamental. Be it in historically and culturally relevant situations (such as her interventions on urban and architectural spaces), in social, interdisciplinary situations (in the case of music and interaction spaces) or in her dependence on natural light to create chromatic environments of which atmospheric variations are an integral part. In these "Duplas" (Pairings, the title of these artworks and of this exhibition), there seems to be a tendency towards greater autonomy in each piece – yet another feature shared with painting. What counts the most here is the internal connections within the artworks. Light remains an important element, but this time it is artificial, invariable, neutral. Here there is no sky, no city, no view of the horizon. When we open these windows/pictures, we see the wall, and when we shut them we see planes of color and the wall through the acrylic, at times transparent, at others translucent. Everything leads us to remain within that area outlined by the frame, within the shallow gap between the acrylic sheets and the wall. Curiously enough, it is precisely when we close the windows that an indefinite, infinite depth arises in the color areas – even though it is, of course, a virtual depth.

In the case of the doors – one of which is set "loose" in the middle of the gallery, while the other is perpendicularly attached to a wall –, we can circumscribe them as sculptures, although their absolutely flat nature keeps them within a pictorial field of thought. There are no volumetrics involved, unlike the tradition of sculpture; only developments of the plane in space. In this sense, Lucia Koch's work is an inheritor of neo-concretist tradition, whose departure from traditional materials and conquest of space is based on the plane (think Hélio Oiticica, Amílcar de Castro, Lygia Clark, Willis de Castro), as an offshoot of painting.

The sliding windows are the ones that most resemble pictures, since they remain plane and frontal, the two sliding sheets superimposing and juxtaposing depending on the different positions they are put in. By the way, these works also contain an element of playfulness in that spectators can manipulate them, moving the two sheets and experimenting with different configurations. When the window is completely shut, we see the two areas of color side by side, but on different planes, each in its own rail. When the window is wide open, the two sheets are superimposed and the two colors merge into a third one due to the transparency of the acrylic sheets; and through the open gap, instead of a landscape or a city view, we see the wall, which becomes part of the piece, like a backdrop to the artwork. With the window partially open (in many configurations), we see the two pure colors and a third one resulting from the partial superimposition of the sheets, plus the wall, and at times all we see is

a narrow strip of the two colors and a large superimposed area. And since the artwork has already presented itself as an object to be perceived – rather than just used –, we begin to observe everything: the colorful shadows that a more or less translucent color plane projects onto another, and that both project onto the wall; the distance between the color planes and the wall; the details of the frames; etc. And we manipulate the artwork to find these variations. In the pivoting windows, when we raise or lower the moveable sheet to angles ranging from zero (when closed) to 90 degrees (completely open), the moving plane conquers an enlarged space, and the relationship between the two planes becomes endowed with extra richness.

*Semana cinzenta (Gray week)*, featuring filters placed underneath the gallery's skylight, has a distinct nature from the other works on display: here, interaction with the world is a founding element, precisely because this is an intervention on the architecture and filters natural light through 7 different shades of tint, coloring the place differently as the weather changes from sunny to rainy, like so many of the artist's past works.

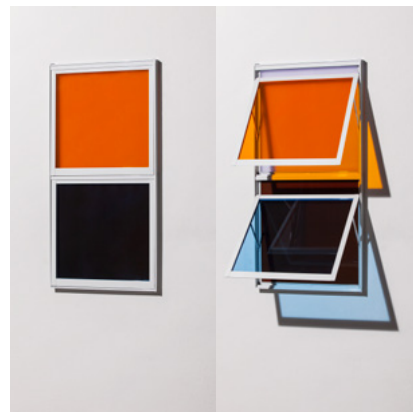
A recurring aspect in Koch's previous output is her interest in passages, which can be seen in her use of surfaces with holes in them, set between communicating spaces, the perforated walls of her "Sala de Exposição" (Exhibition Room), featured in the 2006 Biennial, the latticework or the windows and skylights filtered by color. She is always looking to insulate/filter/connect different spaces and environments through her planar interventions. But this is not the case here, because even with the doors, the other side belongs in the same environment, and we walk in circles around the door while kind of staying in the same place. I think there is something intriguing about this way of arranging space. Here, the internal relationships between parts are what moves us: each piece is comprised of a pairing or set of pairings of colors/planes, and there even seems to be a certain mathematics to these sets based on the unity of each pairing. This practiced mathematics and the mechanical and geometrical movements of the pivoting or sliding planes might hint at a methodical coldness, but doesn't; what we are left with is an ingenious, subtle feast to our senses and intelligence.



dupla {az503 + fm1055ad}, 2014 -- alumínio e acrílico/aluminum and acrylic -- 100 x 120 x 6,4 cm



lucia	koch
	duplas



(capa/cover) **dupla dupla vertical {la217 + a2544 + vi713 + ma1204}**, 2014  
 alumínio e acrílico/aluminum and acrylic  
 120 x 60 x 4,7 cm

texto/text

**rodrigo andrade**

tradutor/english version

**gabriel blum**

revisão/proofreading

**alícia toffani**

fotos/photos

**everton ballardin**

realização/produced by

**galeria nara roesler**

**galeria nara roesler**

**rio de janeiro**

rua redentor 241

ipanema 22421 - 030

**abertura/opening**

29.11.2014

11 > 15h

**exposição/exhibition**

01.12.2014 > 31.01.2015

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h

galeria	nara roesler
	são paulo rio de janeiro info@nararoesler.com.br www.nararoesler.com.br